



LESLIE WOLFE

Autora do best-seller *A Cirurgiã*

UM
CASAL
PERFEITO

**Seu marido matou alguém.
Ela é a única testemunha.**

**UM CASAL
PERFEITO**



COPYRIGHT © 2024 LESLIE WOLFE

TÍTULO ORIGINAL: A BEAUTIFUL COUPLE

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2026

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA** Coordenação editorial **RENATA ALVES**

Editora-assistente **LETÍCIA CANEVER**

Tradução **CARLOS SZLAK**

Preparação **ARIADNE MARTINS**

Revisão **GABRIELA DE ÁVILA e CARLA SACRATO**

Capa **OSMANE GARCIA FILHO**

Diagramação **VANESSA S. MARINE**

Imagem de capa **ESTÚDIO FARO**

Ebook **CAMILA GUELLO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Wolfe, Leslie

Um casal perfeito / Leslie Wolfe ; tradução de Carlos Szlak. — São Paulo : Faro Editorial, 2026.

Título original: A beautiful couple Formato: Epub / 1.634 KB

Requisito do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web

ISBN 9978-65-5957-926-6 (ebook) 1. Ficção norte-americana 2. Ficção policial I. Título II. Szlak, Carlos

26-0216 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



1ª edição brasileira: 2026

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por **FARO EDITORIAL**

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

LESLIE WOLFE

Tradução de Carlos Szlak

**UM CASAL
PERFEITO**

SUMÁRIO

1.

AMANDA DAVIS

2.

PAUL DAVIS

3.

PAUL DAVIS

4.

AMANDA DAVIS

5.

PAUL DAVIS

6.

AMANDA DAVIS

7.

PAUL DAVIS

8.

PAUL DAVIS

9.

AMANDA DAVIS

10.

PAUL DAVIS

11.

AMANDA DAVIS

12.

AMANDA DAVIS

13.

AMANDA DAVIS

14.

PAUL DAVIS

15.

AMANDA DAVIS

16.

AMANDA DAVIS

17.

PAUL DAVIS

18.

PAUL DAVIS

19.

AMANDA DAVIS

20.

PAUL DAVIS

21.

PAUL DAVIS

22.

AL JAZINSKY

23.

AMANDA DAVIS

24.

PAUL DAVIS

25.

AL JAZINSKY

26.

AMANDA DAVIS

27.

AMANDA DAVIS

28.

PAUL DAVIS

29.

AMANDA DAVIS

30.

PAUL DAVIS

31.

AL JAZINSKY

32.

PAUL DAVIS

33.

AMANDA DAVIS

34.

PAUL DAVIS

35.

AMANDA DAVIS

36.

PAUL DAVIS

37.

AL JAZINSKY

38.

PAUL DAVIS

39.

PAUL DAVIS

40.

AL JAZINSKY

41.

AMANDA DAVIS

42.

PAUL DAVIS

43.

AMANDA DAVIS

44.

AMANDA DAVIS

45.

AL JAZINSKY

46.

PAUL DAVIS

47.

AMANDA DAVIS

48.

AMANDA DAVIS

49.

AL JAZINSKY

50.

PAUL DAVIS

51.

AMANDA DAVIS

52.

PAUL DAVIS

53.

AL JAZINSKY

54.

AMANDA DAVIS

55.

AMANDA DAVIS

56.

PAUL DAVIS

57.

AL JAZINSKY

58.

AMANDA DAVIS

59.

PAUL DAVIS

60.

AMANDA DAVIS

61.

AMANDA DAVIS

62.

AL JAZINSKY

63.

PAUL DAVIS

64.

AL JAZINSKY

65.

AMANDA DAVIS

66.

PAUL DAVIS

67.

AMANDA DAVIS

68.

PAUL DAVIS

69.

AMANDA DAVIS

70.

AMANDA DAVIS

LEIA TAMBÉM

LESLIE WOLFE

AMANDA DAVIS

MATEI UM HOMEM.

O absurdo dessas palavras invade minha mente, provocando tremores que me desestabilizam. De olhos arregalados, contemplo o corpo que jaz em um amontoado imóvel ao pé da escada, o espanto agarrando-se a mim em pensamentos dispersos e respirações ansiosas. Quando a realidade começa a se impor, ofego em silêncio, cobrindo a boca para sufocar um soluço.

Não pode ser verdade. Ele não pode estar morto.

Porém, o que vejo é real demais. O seu pescoço, torcido e inclinado de lado em uma postura impossível de ser feita. O estalo nauseante dos ossos quebrados quando ele bateu no piso de madeira após quicar pelos degraus íngremes da escada. O sangue que se acumula e escorre lentamente da cabeça, brilhando em bordô sob a luz amarelada do abajur perto da porta.

Um barulho do lado de fora me assusta. Alguém está vindo. Congelo no topo da escada, agarrando com força o corrimão enquanto os passos se aproximam. Então, na moldura escura da janela da sala, surge o perfil de

uma mulher, o rosto mal iluminado quando ela passa, sem virar a cabeça para olhar para dentro.

Respiro fundo.

Mas também me dou conta de que alguém pode ter visto o que aconteceu. Um transeunte. Um vizinho. Qualquer pessoa.

Procuo tomar fôlego a fim de acalmar meus nervos. Ainda segurando o corrimão como apoio, desço a escada com cuidado para não escorregar, como se a queda dele pudesse se repetir e selar o meu destino em simetria vingativa; o meu corpo imóvel ao lado do dele. Prendo a respiração ao me aproximar, esperando em vão que ele ainda esteja vivo, mas temendo isso. Ao voltar a respirar, o cheiro metálico de sangue invade minhas narinas, enchendo-me de pavor.

Corro até a janela, fecho as persianas e então espio para fora entre duas lâminas. A rua está estranhamente deserta e silenciosa. Por enquanto.

Ao agachar-me ao lado dele, verifico seu pulso com os dedos gelados. Tocar sua pele me arrepia, como se ele pudesse ressuscitar e agarrar meu braço trêmulo.

Não há pulso.

A camisa polo dele, encharcada de sangue na gola, exala um leve cheiro de loção pós-barba, embora o rosto apresente uma barba de dois dias. O crânio está rachado no local onde deve ter atingido a quina de um degrau, com o afundamento bem visível sob o cabelo raspado, apesar da laceração ensanguentada. Com relutância, deslizo os dedos de lado e percorro o pescoço, estremecendo ao encontrar a vértebra saliente: sinal de fratura cervical que causou uma lesão medular fatal.

Ele morreu no instante em que bateu no chão.

Sou mais do que qualificada para chegar a essa conclusão. Ainda assim, isso não muda como me sinto: insegura, assustada, vacilante. Meu coração dispara e um nó sufoca meu peito, como se as paredes do lugar se aproximassem cada vez mais, prestes a me comprimir e tirar minha vida.

O som de um carro se aproximando me faz correr até a janela. Vejo que ele só reduz a velocidade quando chega à esquina e vira, tingindo a escuridão da ruazinha suburbana com tons de vermelho-vivo das lanternas traseiras.

Viro-me bruscamente e encaro o corpo, sem saber o que fazer.

Os olhos dele ainda estão abertos, como se olhassem através de mim, com pupilas dilatadas e hipnotizantes. Isso me arrepia. Agacho-me e fecho rapidamente as pálpebras dele, mal o tocando com as pontas dos dedos trêmulos, ansiosa por criar alguma distância entre nós. Levanto-me depressa e dou um passo para trás, incapaz de tirar os olhos dele. Parte de mim ainda espera que ele se levante, me agarre, me jogue contra a parede, coloque as mãos no meu pescoço e aperte até que o meu mundo mergulhe na escuridão.

Exatamente como o dele agora.

Mas ele não se mexe. Está morto.

Eu o matei.

A dimensão do que fiz me sufoca por dentro. Como deixei que isso acontecesse?

Aparentemente, eu não tinha escolha, e ainda assim, a verdade é que eu *tinha* uma escolha. E fiz a errada. A escolha que mudou minha vida não aconteceu há poucos instantes, quando eu o empurrei escada abaixo.

Não.

Aconteceu antes. Muito antes.

E agora, preciso arcar com as consequências do que fiz.

Meu primeiro impulso é fugir, colocar o máximo de distância possível entre mim e o corpo que jaz no chão coberto de sangue. Mas não há como escapar disso. Não agora. Não sem um plano.

Ao andar para trás, meu calcanhar encosta no último degrau da escada e quase perco o equilíbrio. Abaixo-me e me sento em um degrau. Em busca de um instante de alívio, apoio os cotovelos nos joelhos trêmulos e cubro o rosto com as mãos, escondendo-me da visão sinistra a minha frente.

Talvez eu consiga postergar as coisas por alguns dias antes que venham atrás de mim, porque sei que isso vai acontecer. Agarrando-me a esse fio de esperança, começo a raciocinar. Levanto a cabeça e olho ao redor, procurando algo que eu possa usar para ganhar algum tempo. Não há muita coisa.

Uma coisa é certa: tenho que me livrar do corpo.

Preciso de ajuda.

Ele é enorme. Tem pelo menos um metro e noventa de altura, pesa cerca de cento e dez quilos e é bem musculoso. Foi isso o que me atraiu nele: a força, a agilidade, a aparente resistência e a autoconfiança. No entanto, não sou nem de longe tão alta, e peso no máximo sessenta e três quilos, em um dia ruim, quando estou inchada. Estendo a mão até a perna dele para testar minha força, mas paro antes de tocar o tornozelo. Não adianta nem tentar. No trabalho, são necessárias seis pessoas para transferir um paciente do tamanho dele de uma maca para a cama.

Pego meu celular e pressiono o botão para ligá-lo. A maçã mordida se ilumina em branco sobre a tela preta e, em seguida, desaparece, dando lugar a uma foto do meu filho. Ela foi tirada no verão passado, no píer de Santa

Mônica. Tristan havia acabado de fazer nove anos. Ver seus olhos azuis intensos, realçados pelo sorriso encantador, quase me faz chorar.

E se eu perdê-lo? E se me prenderem e eu nunca mais voltar a vê-lo?

Não consigo nem imaginar isso. Sinto uma angústia que me devora. *Não... eu não posso perder meu filho. Isso não vai acontecer. Custe o que custar.*

Afasto os pensamentos sombrios e respiro fundo ao digitar a senha do celular. O rosto de Tristan desaparece na tela.

Vai dar tudo certo. Porém as palavras que disse a mim mesma não me tranquilizam.

Enquanto a tela se enche de aplicativos, dou-me conta de que há apenas uma pessoa que posso chamar para o tipo de ajuda que preciso. A única pessoa que eu preferiria nunca mais chamar ou ver. Hesito ao buscar o nome na lista de contatos.

Volto a observar o corpo caído, perguntando-me aflita se existe alguma alternativa.

Não existe.

Preparo-me para as perguntas que estão prestes a ser dirigidas a mim, como tiros de metralhadora: impiedosas, frias, me atingindo em rajadas rápidas.

Então, faço a ligação, sabendo que, assim que eu revelar o que fiz, não haverá volta. Toda a minha existência ficará à mercê de outra pessoa. Alguém em que sei que não posso confiar.

Enquanto espero a ligação ser atendida, reflito com amargura sobre as últimas semanas, e sobre tudo o que aconteceu.

Eu nunca quis nada disso.

Tudo o que eu queria era nosso maldito divórcio.

PAUL DAVIS

DUAS SEMANAS ATRÁS

CARAMBA. SEIOS ASSIM DEVIAM ser ilegais.

Toco de leve no nó da gravata, querendo poder afrouxá-lo um pouco. Em vez disso, acabo por ajustá-lo, um reflexo automático de quando sei que estou diante de uma câmera. Só que não há nenhuma câmera apontada para mim. Ainda não.

As câmeras estão amontoadas do lado de fora do salão, onde os convidados continuam chegando em seus carros de luxo e limusines alugadas para participar do evento anual de arrecadação de fundos do Grupo de Cidadãos pelo Trânsito Seguro, organização da qual sou presidente. Contudo, eu deveria estar prestando atenção às pessoas sentadas à mesa comigo, incluindo Amanda, minha mulher. Mas não... Não consigo me concentrar em ninguém.

Somente nela, a estranha que chamou minha atenção no instante em que chegamos ao local. Ela atravessa o átrio com um balanço ritmado dos quadris, como se dançasse ao som da música suave de fundo. Um vestido de cetim molda perfeitamente seu corpo curvilíneo, tensionado sobre seus

pequenos seios empinados. Uma fenda longa na saia me permite ver mais pele do que a minha esposa gostaria. Sorte que Amanda não está me olhando agora. Ela conversa com uma mulher mais velha sentada ao lado, enquanto me delicio contemplando a estranha desatenta.

A mulher não olha para mim. Não estou acostumado a ser ignorado, a me sentir invisível. Odeio isso. Quase grito: “Ei, eu estou aqui”. Mas não adianta. Só passaria vergonha. Ela se vira e começa a caminhar em direção ao bar. Vejo que o vestido é uma maravilha de costas nuas, aparentemente sustentado apenas pelos ombros... e tão leve que eu poderia fazê-lo cair com o peteleco de um dedo. A ideia me perturba. Eu me remexo na cadeira. E continuo observando.

As costas dela rivalizam em perfeição ao restante que ela exhibe. O vestido, num tom profundo de vermelho, brilha sob a luz difusa, generoso em ondulações e, no entanto, ainda justo sobre o traseiro. Desce com ousadia abaixo da parte inferior daquelas costas perfeitas. Não consigo tirar os olhos.

Aposto que ela não usa nada debaixo do vestido. Por um instante, imagino como seria tocar sua pele macia e luminosa. Como aquelas costas perfeitamente delineadas se arqueariam quando a pegasse por trás. Como ela me olharia depois, exausta sobre lençóis amarrotados, com o cabelo castanho ondulado espalhado no meu travesseiro.

Não consigo vê-la depois que alguns homens partem atrás dela e bloqueiam minha visão. Provavelmente foram atraídos pelo seu rastro perfumado, copos vazios na mão, seguindo-a como cães ofegantes à espreita. Estou prestes a tomar meu drinque de um só gole e me dar um motivo para ir até o bar ao qual ela se dirige, mas o meu copo fica suspenso

no ar ao notar o olhar de Amanda, cravado em mim com uma raiva malcontida.

Amanda se inclina em minha direção até eu sentir sua respiração tocando minha pele.

— Sério, Paul? — ela sussurra junto ao meu ouvido, forçando um sorriso para quem quer que esteja nos observando agora. — Comigo aqui? Com todas essas pessoas olhando?

Com raiva, cerro os dentes e deixo o copo na mesa. Detesto ser repreendido como se tivesse quatro anos.

— Eu não fiz nada — resmungo em voz baixa, me odiando por ter dito isso, por ter dado desculpas.

Amanda não responde. Sorrindo, permanece sentada, fazendo de conta que está tudo bem, mas o nervosismo faz o seu peito arfar e o lábio inferior tremer um pouco.

Mas ainda estou com raiva. Admito que me irrita com facilidade.

Tomo um gole de bourbon para ocultar a emoção e finjo prestar atenção no que uma mulher de meia-idade, cheia de joias, está me contando do outro lado da mesa de dez pessoas. Mas é inútil: estou frustrado demais para me importar. Ela fala sem parar sobre um sobrinho que morreu, e sou obrigado a ficar aqui, assentindo e engolindo tudo. Ela me lança um olhar meigo, e sinto que logo vou vomitar. Livro-me do gosto ruim com mais bourbon e continuo a sorrir e assentir de vez em quando enquanto ela conta sua história interminável. Em breve, ela vai me dar um cheque.

Por isso estou aqui, no evento anual de arrecadação de fundos do Grupo de Cidadãos pelo Trânsito Seguro, realizado com elegância no átrio da universidade. O amplo salão está ricamente decorado com flores brancas em cascata, arranjadas em cada mesa de dez pessoas, dispostas no centro de

finas toalhas de mesa brancas. Estamos sentados em cadeiras com capas de tecido, amarradas com fitas de cetim. As inúmeras luzes brilham suavemente acima de nós, vindas de modernas luminárias de led no formato de lustre, exibindo camadas intrincadas de prismas de cristal que cintilam com reflexos de arco-íris. Não são as luzes fluorescentes monótonas do átrio da universidade de que me lembro das visitas anteriores. Devem tê-las trocado para esta noite. Desta vez, realmente capricharam. Estou impressionado.

O som da risada da minha mulher chama minha atenção. Amanda está linda esta noite, com seu longo cabelo loiro penteado com perfeição. Ela atrai a atenção exclusiva de pelo menos dois homens. E eu deveria aceitar isso numa boa. Como se ela pudesse ler meus pensamentos, pousa sua mão no meu antebraço. Instintivamente, afasto-me, ficando profundamente incomodado com a ideia de ser visto como um acessório da minha esposa.

O ambiente é tomado por conversas discretas e ocasionais gargalhadas de bêbados. Porque, claro, o que combinaria melhor com um evento de uma organização em favor da sobriedade ao volante do que um jantar open bar?

O evento é generosamente patrocinado e divulgado pela Golden State Broadcasting, a emissora de tevê para a qual trabalho.

A emissora se certifica de que todos os convidados possam arcar com pelo menos alguns milhares de dólares pelo jantar gourmet de quatro pratos e pelo tal open bar. Além do privilégio de circular entre gente da tevê e algumas celebridades de Hollywood presentes, e quem sabe até conseguir uma selfie com alguém famoso.

E, como presidente do Grupo de Cidadãos pelo Trânsito Seguro nos últimos anos, estou no centro de tudo isso, prestes a subir ao palco para o

discurso final da noite, assim que os convidados terminarem suas sobremesas.

No entanto, estou muito irritado.

Meu chefe, Raymond Cook, presidente e CEO da Golden State Broadcasting, é um careca com o ego inflado. Neste ano, o quarto da sofrida história do seu evento favorito, ele decidiu que as pessoas mais importantes da emissora deveriam dividir a mesa com doadores, para entretê-los com conversas, fazê-los beber e se deslumbrar até assinarem os cheques. Para ser justo, Raymond Cook também se sentou junto aos doadores. Mas ele não tem mulheres atraentes e sexualmente interessadas babando por ele enquanto sua esposa está ao lado. E não é porque ele não seja casado. É que ninguém sabe de verdade quem é Raymond Cook. E ninguém se importa.

Mas Paul Davis? Essa é outra história.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um casal perfeito"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).